

NOTA INTRODUTÓRIA

Pedro Lopes dos Santos¹

Relendo *A Organização do “Objecto” e os Primeiros Meses da Vida da Criança*, quase quarenta anos após a sua publicação, veio-me reiteradamente à memória o nome de uma obra já clássica da chamada *literatura épico-fantástica* e que em Portugal foi traduzida do original alemão com o título de *A História Interminável*. Trata-se, aparentemente, de uma ligação bizarra porque nada permite encontrar conexões entre os conteúdos onírico-fantásticos urdidos na fábula de Michael Ende e o exigente exercício de racionalidade científica que o livro de Isolina Borges descreve com rigorosa circunspeção crítica. Todavia, o sentido de estranheza é menor quando nos apercebemos que esta última obra versa sobre uma demanda, também ela, inconclusa. Se no primeiro caso a narrativa se enreda numa sequência infinda de eventos, no segundo as ideias e as discussões desenvolvidas levam a entrever os caminhos que ficaram ainda por trilhar.

A premissa central do trabalho apresentado por Isolina Borges é a de que a organização do “objeto” constitui uma base fundamental para melhor compreendermos os processos psicológicos de integração dos dados da experiência interna e externa durante os primeiros meses de vida da criança. Logo de início, a autora mostra-se ciente da ambiguidade conceptual que o termo *objeto* pode encerrar (daí que antes de o esclarecer enquanto referente epistémico use sempre aspas para mencioná-lo!). Partindo provisoriamente da ideia de que *objeto* diz respeito a tudo quanto se patenteia como realidade exterior ao sujeito, Isolina Borges sublinha o simplismo desta definição, reposicionando-a à luz das noções decorrentes das abordagens cognitivistas e psicodinâmicas. O cerne da questão reside na atribuição do predicado de externalidade radical do *objeto*. Com efeito, um *objeto só o é* na medida em que se trata de *algo ressentido pelo indivíduo*. Presentificado aos sistemas de receção sensoriais sob a forma

¹ UNIVERSIDADE DO Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

II

de estímulo (a maior parte das vezes proveniente do mundo exterior!) o objeto é, enquanto tal, internamente *reconstruído* por força da intervenção de complexos mecanismos cognitivos e afetivos que conferem estrutura e inteligibilidade a esse estímulo. Assim, quando falamos de *objeto* as balizas internas e externas de delimitação do seu posicionamento topológico diluem-se porque, sob o ponto de vista psicológico, um objeto não é uma *entidade*, mas antes o resultado de um processo de *coisificação* decorrente de complexos mecanismos de interação entre a realidade transmitida pelos sentidos e a atividade organizante do sujeito. É na consideração destes princípios que Isolina Borges encontra o fundamento para o pressuposto básico da sua abordagem.

A autora discute o desenvolvimento da organização do objeto procurando identificar as zonas de confluência heurística existentes entre os olhares das perspectivas cognitiva e psicanalítica. Quanto à corrente cognitivista, as análises partem das propostas nucleares do construtivismo genético de Piaget (e.g., Piaget, 1937) sem ignorar – antes pelo contrário – os contributos e as orientações teóricas oriundas de posteriores de abordagens como as de Bower (e.g., Bower, 1979), Bruner (e.g., Bruner, 1968) ou Trevarthen (e.g., Trevarthen, 1977). Relativamente ao ponto de vista psicodinâmico, traz a debate concepções fundamentais de Freud (1957) matizadas por reformulações avançadas em diversas propostas de autores do chamado pensamento pós e neofreudiano. Importa, todavia, destacar que essa busca de confluências é feita sem qualquer propósito explícito de conciliação. Na verdade, Isolina Borges reconhece que a potencial convergência entre as teorias analisadas “*aponta mais no sentido das diferenças do que no sentido dos pontos de encontro*” (p. 87). Por isso, concebendo um sistema de análise elaborado no registo da apreciação das interfaces entre as múltiplas referências hermenêuticas relevantes, a autora delimita o âmbito do seu estudo à questão de detetar a partir de que fase do desenvolvimento os dados comportamentais revelados pelo bebé sugerem a presença da noção de permanência da figura humana.

Cada uma das construções teóricas instituintes dessas *hermenêuticas múltiplas* é esmiuçada e debatida nos aspetos que fazem sobressair a sua coerência com a factualidade procurada. Da contraposição entre Piaget e Bower, Isolina Borges reformula a problemática da construção da *permanência do objeto* reenquadrando-a no contexto dos processos de constituição da *identidade dos objetos*. Tal reenquadramento permitiu à autora criar um sistema de premissas mais consentâneo com a investigabilidade dos problemas que pretendia tratar. Por outro lado, no escrutínio crítico das propostas do movimento psicanalítico, Isolina Borges destaca

III

o contributo fundamental das teses neofreudianas – nomeadamente as expandidas por Melanie Klein (e.g., Klein, 1975) – que, em linhas gerais e consequências implícitas, sublinham a incontornabilidade de se postular, desde os primeiros meses, a permanência da figura humana enquanto condição imprescindível ao entendimento da mãe como objeto de relação. Finalmente, dos estudos de Trevarthen (e.g., 1977) sobre os processos de interação criança-adulto a autora retira a imprescindibilidade de se entender a funcionalidade do bebé à luz de processos de organização intersubjetiva que, apesar de ainda embrionários, remetem necessariamente para a referência tácita a um sentido da identidade e permanência da figura humana.

Isolina Borges parte destes enunciados para formular, num registo assumidamente metateórico, a conjectura de que “a mãe [no sentido do prestador principal de cuidados] é o primeiro ser do mundo externo da criança relativamente ao qual se organiza a permanência da figura humana no processo de constituição da vida psíquica do ser humano” (p. 160). Recorrendo a uma estratégia de abordagem microgenética à luz da qual avaliou repetidamente – no contexto de um paradigma laboratorial criado para o efeito – três díades mãe-bebé entre o terceiro e o sexto mês de existência, a autora deteta mudanças fundamentais dos padrões de comportamento infantil empiricamente consistentes com a hipótese de que o bebé parece estar [...] “*muito mais consciente do que se tem suposto da presença ou ausência da figura humana com quem estabeleceu relação*” (p. 176).

Importa recordar que o presente livro constitui o texto integral da dissertação de doutoramento submetida ao então Curso Superior de Psicologia da Universidade do Porto. Como tal, a sua substância ressent-se, até certo ponto, das limitações impostas pelos ditames formais dos escritos a avaliar em contexto de provas académicas. Por esse motivo, a autora absteve-se de dissertar, abertamente, sobre questões situadas para além dos problemas específicos que se propusera demarcar e investigar. Todavia, um conjunto de observações informais e de dados insuficientemente consolidados faziam crer a Isolina Borges que a sua pesquisa, longe de representar uma peça fechada, era acima de tudo uma janela aberta a novos horizontes de indagação. Esses territórios que tinha em vista examinar começaram, efetivamente, a ser explorados, nomeadamente, através de recolha de dados feita no âmbito de seminários dirigidos pela autora. Infelizmente, a debilitação da sua saúde impediu que tais projetos viessem a ser concluídos.

Cabe, então, dizer que o interesse da leitura do presente livro repousa, também, sobre a possibilidade de nele se descortinarem perspetivas de

IV

continuidade referentes a uma investigação apenas iniciada. Tendo como pano de fundo ideias e hipóteses pessoalmente transmitidas por Isolina Borges, mencionar-se-ão, a título de ilustração, dois exemplos pertinentes.

Usando, para propósitos de observação, um paradigma laboratorial segmentado em três momentos (um primeiro de interação face a face, um segundo de afastamento espacial da mãe seguido, por um último, no qual se reinstituiu a situação inicial) a autora verificou que as reações emocionais dos bebês variavam, tendencialmente, de acordo com esses segmentos. As respostas positivas (e.g., olhar orientado, sorrisos) eram mais frequentes durante o primeiro e o terceiro episódio, diminuindo substancialmente, no segundo, no qual predominavam os comportamentos de teor negativo (e.g., choro, gritos, movimentação agitada). Contudo, a par deste perfil genérico, os dados indicaram, igualmente, a existência de diferenças individuais significativas associadas às condições experimentais. Tal constatação surge secundarizada no texto da obra. Porém, visando a sua análise em futuros estudos, Isolina Borges acreditava que essas diferenças revelariam a presença de padrões envolvendo a complexa interligação de fatores de auto e de hetero regulação (ou seja, a implicação conjugada de disposições de suscetibilidade neurofisiológica e de dinâmicas fundadas em processos de micro regulação diádica). Curiosamente, publicações recentes parecem equacionar o problema em termos idênticos. Na verdade, a identificação de padrões regulatórios no primeiro ano de vida do bebê e a investigação dos mecanismos de correção que governam a sua constituição representam, hoje, um domínio saliente de pesquisa e discussão em Psicologia do Desenvolvimento (e.g., Barbosa, Beehly, Moreira, Tronick, & Fuertes, 2018; Beebe, et al., 2016; Bigelow et al., 2010; Feldman, 2009; Provenzi et al., 2016). É crível que a aplicação adaptada do paradigma experimental idealizado por Isolina Borges permita a elaboração de desenhos de investigação suscetíveis de gerarem olhares inovadores sobre a questão.

Já num outro registo, encontra-se documentado no livro um resultado que recorrentemente intrigou a autora. Trata-se da constatação de que as alterações de comportamento interpretáveis como indicadoras da aquisição da permanência da figura humana emergiam no curto período compreendido entre os 4/5 meses de idade. Este dado foi reconfirmado por Isolina Borges em estudo no qual, controlando o tempo de gestação dos bebês, verificou que o marco etário crítico dos 4/5 meses se mantinha inalterado quando era considerada a *idade corrigida*. Embora apresentado e discutido em círculos científicos restritos, vicissitudes alheias à vontade da autora ditaram que o estudo nunca viesse a ser publicado. Acres-

ce ainda que os registos videográficos e outros materiais susceptíveis de o recuperarem encontram-se, hoje, perdidos ou inacessíveis. Todavia, a importância da descoberta é grande e apela à realização de trabalhos de investigação que a reproduzam e explorem sistematicamente as suas implicações teóricas. Na verdade, se os 4/5 meses, ou dizendo de outra maneira, se o marco etário situado por volta das 56 semanas de gestação representa – com variações mínimas – o momento culminante do processo psicológico de constituição da figura humana enquanto objeto de relação, é plausível supormos que os fatores de natureza maturacionais desempenhem um papel decisivo neste processo. Assim sendo, de que maneira se articulam, aqui, as funções dos *mecanismos dependentes da experiência* com as dos *mecanismos expectantes da experiência*? Será que o desenvolvimento da noção de permanência está essencialmente dependente destes últimos mecanismos e a construção da identidade do objeto mais relacionada com os primeiros? Qual o contributo da organização cognitivo-emocional que governa, desde o nascimento, o envolvimento do bebé com o mundo social circundante? Até que ponto os fenómenos de correção das interações diádicas se conjugam com os fatores maturativos para determinarem o desenvolvimento da permanência e da identidade da figura humana como objeto de relação? Que alterações associadas ao desenvolvimento da complexidade da noção da figura humana se verificam durante os meses subsequentes? Como enquadrar essas alterações na ontogenia das relações vinculares? Estes e outros problemas afins aguardam, ainda, resposta.

Construído a partir de um acervo bibliográfico necessariamente datado no tempo, o livro de Isolina Borges tem a virtude de representar um legado científico que nos coloca perante questões situadas no cerne de várias problemáticas atuais da Psicologia do Desenvolvimento. Dar continuidade a esse legado requer, talvez, a tarefa de elaborar estudos que incorporem procedimentos de observação consentâneos com inovações metodológicas entretanto surgidas. Mas exige, também, a adoção do mesmo espírito de rigor que presidiu à elaboração da pesquisa iniciada pela autora.

À semelhança de *A História Interminável* – obra literária inicialmente aludida enquanto analogia metafórica – *A Organização do “Objecto” e os Primeiros Meses da Vida da Criança*, não é um livro cujo “argumento” se encerra no último parágrafo. Tal como na trama da narrativa imaginada por Michael Ende, o final representa, apenas, o início de uma outra jornada. Afinal de contas, o *sentido do inacabado* tem sido, desde há centenas de anos, a essência genuína de todo o empreendimento científico. Assim, o grande desafio deixado pelo livro de Isolina Borges aos

VI

investigadores da atualidade consiste em desvendar no corpo de conhecimentos sistematizados os assuntos que ficaram insuficientemente deslindados e que convocam a trabalho de elucidação. Quem aceite enfrentar o desafio deixará, por certo, escritas novas *histórias* que em devido tempo serão também contadas e reiniciadas.

Referências

Barbosa, M., Beeghly, M., Moreira, J., Tronick, E., & Fuertes, M. (2018). Robust stability and physiological correlates of infants' patterns of regulatory behavior in the still-face paradigm at 3 and 9 months. *Developmental Psychology*, 54, 2032-42, doi/10.1037/dev0000616.

Beebe, B., Messinger, D., Bahrnick, L. E., Margolis, A., Buck, K. A., & Chen, H. (2016). A systems view of mother-infant face-to-face communication. *Developmental Psychology*, 52, 556-571, doi/10.1037/a0040085.

Bigelow, A. E., MacLean, K., Proctor, J., Myatt, T., Gillis, R., & Power, M. (2010). Maternal sensitivity throughout infancy: Continuity and relation to attachment security. *Infant behavior and Development*, 33, 50-60, doi/10.1016/j.infbeh.2009.10.009

Bower, T. G. R. (1979). *Human Development*. San Francisco: Freeman and Company.

Bruner, J. S. (1968). *Processes of Cognitive Growth: Infancy*. Worcester: Clark University

Ende, M. (1979/2008) *A História Interminável* (tradução portuguesa). Lisboa: Editorial Presença.

Feldman, R. (2009). The development of regulatory functions from birth to 5 years: Insights from premature infants. *Child Development*, 80, 544-561, doi/10.1111/j.1467-8624.2009.01278.x

Freud, S. (1957). *The Complete Psychological Work of Sigmund Freud, Standard Edition*. London: Hogarth Press.

Klein, M. (1975). *The Psycho-Analysis of Children*. London: Hogarth Press.

Provenzi, L., Olson, K. L., Montiroso, R., & Tronick, E. (2016). Infants, mothers, and dyadic contributions to stability and prediction of social stress response at 6 months. *Developmental Psychology*, 52, 1-8, doi/10.1037/dev0000072

Trevarthen, C. (1977). Descriptive analyses of infant's communicative behaviour. In H. R. Schaffer (Ed.), *Studies in Mother-Infant Interaction*. London: Academic Press.